

espontanea e natural propria da epoca. A mesma cousa se hade entender dos profusos exemplos de participio do presente existentes na Regra de S. Bento e dos que se encontram nos documentos officiaes e legislação da idade media. Se fosse proprio do falar usual, o participio do presente não escassearia, como escasseia, nas narrações, descripções e chronicas que possuímos do mesmo periodo.

Participio do futuro

O participio do futuro latino, de voz activa, apparece em portuguez apenas em alguns verbos intransitivos, com o mesmo conceito de acção ainda não realisada: *vindouro* (lat. *venturus*), *morredouro* (lat. *moriturus*), *futuro*.

O participio do futuro, de voz passiva, criação puramente erudita, em port., usa-se em *execrando* (= que deve ser execrado), *venerando*, *doutorando*, *examinando* e poucos casos mais. Uns empregam-se como substantivos, outros como adjectivos.

Participio do preterito

Regra geral para formar o participio do preterito: mudar a terminação *-ar* do infinitivo em *-ado*, e *-er* ou *-ir* em *-ido*. Para os verbos da 2.^a conjugação possuía o port. ant. tambem a forma *-udo*. *Leer*, *creer*, *teer* (e compostos) faziam constantemente *leudo*, *creudo*, *teudo*, *reteudo*, *conteudo*, *manteudo* (de que ainda hoje se conservam alguns vestigios). Quanto aos outros verbos vacillava-se entre *-udo* e *-ido*:

Sabudo (F. Lopes, C. J. 146, 227, 151) e *sabido* — *metudo* (ib. 170) e *metido* (ib. 245) — *conheçudo* e *conhecido* (ib. 197) — *atrevidudo* (ib. 226) e *atrevido* (ib. 197) — *avudo* (ib. 204) e *avido* — *rreçebududo* (ib. 238) e *rreçebido* (ib. 263) — *proveududo* (ib. 293) e *providudo* — *vem-dududo* (ib. 337) e *vemdido* — *devududo* (ib. 343) e *devidudo* — *movududo* (ib. 12) e *movido* (ib. 32) — *convertududo* (S. Graal 42) e *convertidudo* — *confundidudo* (ib. 43) e *confundududo* (ib. 44) — *comprendududo* (ib. 27) e *comprendido* — *ascondududo* (S. Josaph. 29) e *ascondido* (ib. 36 e 37) — *veñidudo* (ib. 34) e *veñududo* (ib. 45) — *perduddudo* (ib. 38) e *perdidudo* — *estendududo* (ib. 44) e *estendidudo*, etc.

Livres do processo nivelador ficaram desde os começos do idioma portuguez até os nossos dias *feito*, *dito*, *escripto*, *cuberto*, *aberto*, *posto* respeitando-se a formação latina, e *visto* correspondendo ao lat. *visum*. O participio de *vir*, *vindo*, não resulta directamente do lat. *ventum*, e sim do port. ant. *v̄ir*, do mesmo modo que *findo* procede do port. ant. *f̄ir*.

Alguns verbos têm, ou tiveram, dous participios: um regular em *-ido* ou *-ado*, e outro irregular, proveniente do latim ou creado no proprio idioma portuguez. A historia destes participios varia de verbo para verbo. Para obviar ao embaraço da superfluidade, procura-se em geral ou eliminar uma das formas, ou dar-lhe applicação differente:

Acceitado e *aceito*: Participio de *aceitar* é *acceitado* conforme a linguagem de quinhentistas e seiscentistas, que o empregavam junto a *ter*, junto a *ser*, nas construcções de participio absoluto e tambem como adjectivo:

Acceitada esta obediencia per elrey de Lião (Barros, 2, 6, 1) — Começava de denunciar a secta que *tinha acceitada* (ib. 1, 9, 3) — Que a fé de Jesus Christo Nosso Redemptor *fosse per elles acceitada* (ib. 1, 9, 5) — *Acceitadas* estas pazes (Santos, Eth. 1, 104) — A rainha, *acceitado* o governo... começou com muita severidade a tratar os negocios (B. Cruz, D. Seb. 1, 29) — Publicada esta sentença, *foi acceitada* de ambas as partes com grande contentamento (F. M. Pinto 3, 165) — Entrava em novo escrupulo de *ter acceitado* (Sousa, Arc. 1, 64) — No anno seguinte... no qual *foi acceitado* o convento polla Provincia (ib. 1, 155) — O credito de Antonio Rodrigues de Moraes *está acceitado* (Vieira, Cartas, 1, 71) — Renunciando-a depois de *acceitada* (Vieira, Serm. 2, 11) — Pois se as espadas *erão* duas e ambas *acceitadas* e aprovadas por Christo, como necessarias, porque prohibic o Senhor a segunda...? (ib. 1, 804) — Dizendo-se que os thesouros *forão acceitados*, ou não (ib. 4, 530) — Morte de cruz, escolhida e *aceytada* livremente (Bern. L. e C. 318) — *Tinha aceytado* o principio de morrer (ib. 468).

Conjuntamente com o participio *acceitado*, andava em uso o vocabulo *aceito*, servindo este de adjectivo e tendo o sentido de «agradavel»:

Foi eleito, e *acceitado* com muita conformidade, e alegria d todos os Religiosos... Aos padres mais graves da provincia foy en especial *aceita* a eleyção, entre os quaes o Mestre frey Luis de Granada (Sousa, Arc. 1, 37) — E por ser mais *accepta* [esta inferna

doutrina], tomavam-lhe as filhas por molheres (Barros, Dec. 1, 9, 3) — Pera offerecer oblação *accepta* a Deos (Vieira, Serm. 9, 291) — As outras taes razões a todos fôrão *aceitas* (Barros, Dec. 2, 3, 7).

Referindo-se a pessoas, o vocabulo *aceito* podia tomar a accepção « favorito », « preferido »:

Dadivas... que deo aos seus *acceptos* (Barros, Dec. 1, 9, 6) — Transtornavam o animo dos *acceitos* delrey (ib. 3, 2, 2) — Gastava... em grossas peytas aos *acceitos* a elrey (ib. 2, 2, 9).

Em port. hodierno dá-se a *aceito* a função de participio em competencia com *aceitado*, privando o vocabulo da significação que outrora tinha; e já como concessão á tendencia da linguagem popular nota-se um ou outro trecho em Vieira:

Mas que faria o Divino Assegurador, *tendo* já recebido, ou *aceita* em promessa a parte do cabedal? (Serm. 8, 283) — A mesma lançada que recebeo depois de morto, já a *tinha* antevisto e *aceito*, estando vivo (ib. 7, 351).

Comesto, comido: A forma herdada do latim foi cedo supplantada pelo uso do participio em *-ido*. Occorrem todavia exemplos de *comesto* em port. antigo e na linguagem quinhentista a par da forma regular:

Depois que o Conde e ho Meestre ouverom *comido* (F. Lopes, D. J. 26) — Nuno Alvarez se deceo do cavallo... nom avendo ainda *comido* nenhũa cousa (ib. 159) — E seendo já delle muito *comesto* [pelos cãaes] soterrarom-no (ib. 26) — Que veção os Mouros se temos nós os cavallos *comestos* (Zur., Ined. 3, 128) — Tres dedos de taboa às vezes *comesto* do busano (Barros, Dec. 2, 7, 1) — [As tapiocas] querem-se *comidas* quentes (G. Soares, 155) — Ha uma casta de mandioca que se quer *comesta* de anno e meio por diante (ib. 153).

Cinto, cingido: Recebeu do latim o port. ant. o participio *cinto*, e delle fez largo uso:

Espada que tiinha *çinta* (F. Lopes, D. J. 47) — Com cotas e braçaaes e espadas *cintas* (ib. 362), etc.

Mas *cingir* não escapou á tendencia de formar o participio dos verbos em *-ir* segundo um só typo:

[Vio levar] *cingida* a espada (F. Lopes, D. J. 320).

Generalisando-se em port. mod. o emprego da forma nova, desapareceu de todo o vocabulo *cinto* como par-

ticipio. Deste modo, em lugar da obscura linguagem *cintos de cintas ou de cordas* (Nunes, Chrest. Arch. 29) passou-se a dizer: *tirada a cinta com que andava cingido* (Barros, Dec. 3, 2, 1).

Situado e *sito*: Do substantivo *situs* derivou o lat. escolast. o verbo *situare* com o part. *situatum*. Além daquelle substantivo usava o lat. classico o part. *situs*, do verbo *sinere*, com a accepção de «situado». O verbo portuguez *situar* tem o seu participio naturalmente em *-ado*. Raras vezes dão os escriptores preferencia ao latinismo:

Gurupi, que é outra capitania *sita* entre o Maranhão e o Pará (Vieira, Cartas 1, 135) — Era o monte Horeb, *sito* no mais interior daquelle deserto (Vieira, Serm. 3, 197).

Em Arraes, Dial. 255, ha *sita* e *situada*. Conhecida é ainda a formula: *predio sito á rua tal*.

Pagado e *pago*: O port. ant. offerece-nos innumerables exemplos das duas formas usadas indiscriminadamente:

Se a divida he já *pagada* (Foros de Beja, Ined. 5, 470) — Queremos e mandamos que sejam *pagos* pelos nossos almuxariffes (Livro Verm., Ined. 3, 394) — E já sabes como teu serviço ha de ser *pagado* (Zur., Ined. 3, 267) — E foi-lhe logo *pagado* o soldo dhuñmes (F. Lopes, D. J. 148), etc.

A mesma pratica foi continuada em port. mod. tornando-se todavia mais frequente o uso de *pago*:

Os quaes damnos se os não pagou com a fazenda, foram *pagos* com sua morte (Barros, Dec. 1, 6, 8) — Foram *pagos* de seus soldos e mantimentos (Castanh. 3, 112) — Tu, de quem ficou tão mal *pagado* hũ tal vassalo (Cam., Lus. 10, 25) — O proprio povo tinha *pagado* uma parte das arrhas do seu casamento (Herc., Lend. e Narr. 1, 185) — De sobejo tens *pago* o erro de um coração inexperto (M. de C. 2, 180), etc.

O port. hodierno dá em geral preferencia ao participio *pago* omitindo de todo a linguagem *ser pagado*.

A origem de *pago* participio parece devida a uma nova adaptação semantica do substantivo deverbal *pago* (como mais tarde succedeu a *gasto*, *ganho*) em frases deste genero: *este dinheiro é pago* (=pagamento) *para tal serviço*. Inaceitavel é a hypothese da contracção ou syn-

copação da vogal tónica (e mais a consoante seguinte) no vocabulo portuguez *pagado*. Nem se percebe a que proposito viria tão singular redução de esforço, uma vez que perdurava o uso de *pagado* para os mesmos effeitos a que servia o participio *pago*.

O sentido primitivo de «pacificar» que teve o verbo *pagar* (lat. *pacare* derivado de *pax, pacis*) manteve-se na expressão *irado e pagado* usada na formula estabelecida, com que os vassallos juravam fidelidade ao rei:

Eu Joam vos faço preito e menagem pelo vosso Castelo e Fortaleza... e vos acolherei e receberei no alto e no baixo della, de noute e de dia, e a quaesquer oras e tempos que seja, *irado e pagado*, com muitos e com poucos... (Ord. D. Man. 1, tit. 55).

Gastado e gasto: O verbo *gastar* nunca teve outro participio do preterito senão *gastado* no port. ant. e no port. mod. até o seculo XVIII, epoca em que se começa a introduzir na linguagem litteraria o substantivo de-verbal *gasto* com função participial. Tem tomado tal incremento o seu uso, que já agora se evitaria o antigo participio em frases como as seguintes:

Munições *gastadas* (Castanh. 2, 79) — Tanta fazenda quanta tinha *gastada* (ib. 2, 10, 1) — Uns as armas alimpam e renovam que a ferrugem da paz *gastadas* tinha (Cam. Lus. 4, 22) — O tempo se resgata dando... tempo bem *gastado* por tempo mal *gastado* (Vieira, Serm. 9, 928) — Se foy mal *gastado* está cativo (Vieira, ib.).

Ganhado e ganho: Participio sempre usado em port. ant. e port. mod. é *ganhado*. Igual attribuição se deu ao vocabulo *ganho* no seculo XIX, e na incerteza entre as duas maneiras de dizer, vai-se manifestando hoje predilecção pelo participio intruso. Cotejem-se com o falar hodierno:

Vintem poupado, vintem *ganhado* (Prov.) — Sustentaremos a honra que temos *ganhada* (Castanh., 1, 83) — Estas cousas estão *ganhadas* (Barros, Dec. 1, 1, 11) — Foram perdendo o que tinham *ganhado* (Vieira, Serm. 8, 267) — Adornos... *ganhados* pelo trabalho (Mello, G. Cas. 117) — Tinham *ganhado* a immobibilidade (Herc., Lend. e Narr. 2, 90).

Morto e morrido: A forma regular *morrido* só teve aceitação em linguagem litteraria de port. hodierno. Não registrei exemplo anterior á epoca de Filinto Elysio:

O que porem é certo é não *ter morrido* o Duprez em casa do Marquez de S. Jorge (Fil. Elysio, Obr. 20, 243).

Infinitas vezes se emprega o verbo *morrer* nas descrições antigas, nos escriptos de quinhentistas e seiscentistas, mas sempre com o participio *morto* conjugado naturalmente com o auxiliar *ser*, como nestes exemplos:

Nos tres dias que cometeo o vao, *eram mortos* vinte Portuguezes (Barros, Dec. 1, 6, 5) — *Eram já mortos* trinta e sete homens [da doença] (ib. 3, 5, 10).

Morto e matado: É singular a aversão que sempre manifestaram os escriptores portuguezes pelo participio derivado naturalmente do verbo *matar*. Existia todavia o vocabulo *matado*, sobretudo em boca de judeus, do que dão testemunho os tres exemplos que occorrem em Gil Vicente, 1,350-351. Empregou-o frequentemente Samuel Usque; porem a gente letrada christan, quinhentista e seiscentista, conservou-se fiel á tradição de pedir o participio emprestado ao verbo *morrer*, dando-lhe significação activa. São innumerous nas chronicas e outros escriptos os exemplos semelhantes aos seguintes:

Por elle Soldão neste tempo *ter morto* tres grandes capitães (Barros, Dec. 2, 8, 3) — Dous trabucos nossos que lhe *tinham morta* alguma gente (ib. 2, 5, 7) — *Tendo* hum Domonio, chamado Asmodeo *morto* até sete maridos a Sara (Vieira, Ser. 2, 318) — Respondeo elle que já *tinha morto* hum urso e hum leão (ib. 9, 417).

Excepcionalmente, encontramos em M. Polo 45, v: *Muytos* [homens] *forom ally matados*.

Actualmente já não ha prevenção contra *matado*, quer com o verbo *ter*, quer o auxiliar *ser*.

Defeso e defendido: A forma regular não era desconhecida do port. ant.:

Esta ley seera *defendida* sotilmente per tantas provas e argumentos (C. Imp. 242).

Mas os escriptores preferiam o participio alatinado:

Eram bem *defesos* dos que estavam em cima do muro (F. Lopes, D. J. 314) — O reino de Portugal foi por elle *deffeso* (ib. 88).

O verbo *defender* tinha tambem o sentido de «verdar», «prohibir», e assim o empregaram ainda escriptores do seculo XVI com o participio *defeso*:

Tinha o governador *defeso* a ele e aos outros que não passassem (Castanh. 3, 59) — Affonso d'Albuquerque tinha *defeso*... que nenhum homem de armas fosse em companhia dos mareantes (Barros, Dec. 2, 3, 4).

Hoje, *defeso* só se usa como adjectivo predicativo.

Despeso e *despendido*: Extremamente raro é o emprego de *despendido* na linguagem antiga. Na Chronica de D. João de Fernão Lopes occorre este exemplo:

Vissem como o que elle avia era *dispendido* (2, 145).

Em compensação, era de uso frequente o participio alatinado:

Os quaes contos... havia *despesas* na guerra (F. Lopes, D. J. 2, 181) — Tantas razões como... foram *despesas* (ib. 2, 190) — Foi todo aquell trabalho *despeso* em vão (ib. 185).

João de Barros continuou a usar o mesmo participio:

Tinham já *despesa* toda a polvora (Dec. 2, 9, 5) — Ter *despeso* todo o cabedal (ib. 1, 1, 12).

Dos seiscentistas para cá não se conhece senão o participio *despendido*.

Resoluto e *resolvido*: Em portuguez hodierno o verbo *resolver* não tem outro participio do preterito alem de *resolvido*. O seu antecessor *resoluto*, rebaixado hoje á categoria de simples adjectivo, serviu largamente á conjugação no periodo dos escriptores seiscentistas. Vieira não emprega outra forma:

Ambas estas cousas sahirão hoje *resolutas* de hum conselho — Tenho *resoluto* de lhes tirar a vida e a coroa — Tem *resoluto* ou permittido (Serm. 2, 215, 218).

Filinto Elysio ainda usa *resoluto*, mas já admitte tambem a forma regular:

Ficou *resolvido* que d'ali a dous dias partiriamos (Obr. 20, 163).

Assolto, *aussolto* (*absolto*, *absoluto*) e *absolvido*: As duas primeiras formas são peculiares ao port. ant.;

em seu lugar usaram-se mais tarde as parenthesisas como restituções eruditas :

Aquell que legasse e assolvesse na terra, seria legado e *assolto* nos ceos (F. Lopes, D. J. 301) — *Absoltos* de seus peccados (Sá de Mir. 1, 212) — Dom Lourenço se achou sem culpa e foy *ausoluto* (Castanh. 2, 35).

O port. hodierno reconhece por participio sómente *absolvido*, já empregado por Bernardes em :

Foi *absolvido* [o corvo da excommunhão] e recuperou a saude (N. Flor. 1, 274).

F. J. Freire serviu-se da forma antiga em :

Quem morre fica livre de toda a obrigação e *absoluto* de toda a divida (Sec. Port. 94).

Vieira ainda usava o participio alatinado :

Do cativoiro do peccado... ficamos *absolutos* e livres (Serm. 7, 190) — Lá huns não de ser *absolutos*, outros condenados; cá todos saem *absolutos* (ib. 7, 191) — Quando os dous havião de ficar *absolutos*, todos tres forão condenados (ib. 7, 208).

Elegido e *eleito*: Os escriptores do port. ant. não tiveram escrupulo em adoptar o participio em *-ido*. Assim Fernão Lopes :

Pode seer *emllegido* — Pessoa que ha de ser *emllegida* — Elles aviam *emllegido*, etc.

Porem a reacção erudita em port. mod. tanto insistiu no emprego de *eleito*, que hoje é a forma geralmente aceita. Vieira, no sermão para o dia de S. Bartholomeu (2, 346-370) só se utiliza do participio *eleito*. Mas os seiscentistas nem por isso desprezavam o participio regular :

Doze apostolos *elegidos* por Christo (Bern., N. Flor. 5, 523) — Forão *elegidos* (ib. 1, 333) — Tem *elegido* o meyo (Bern., L. e C. 32).

Entregue e *entregado*: O vocabulo antigo *entregue*, provavelmente do lat. *integer*, com alteração semantica, serviu de etymo ao verbo *entregar*, cujo participio normal é *entregado*. Identificados porem os conceitos expressos pelos dous vocabulos, adjectivo e participio, pas-

sou o antigo termo *entregue* a servir de participio e a ser usado mais frequentemente ainda do que a forma *entregado*: O trecho *e já entregado espera pelo golpe* (Cam., Lus. 3, 40) e alguns passos de F. M. de Mello indicam que *entregado* pode usar-se tambem com o sentido especial de «confiado», «resignado». Note-se ainda, na linguagem de outrora, o uso de *ser*, *estar* ou *ficar entregue de alguma cousa* e *entregar-se de alguma cousa*:

Fazendo por esto guerra a ell... ataa que *fosse entregue dos ditos cem mill marcos douro* (F. Lopes, C. D. J. 350) — Jorge d'Albuquerque tanto que *foi entregue da fortaleza de Malaca*, quiz logo entender nas cousas d'Elrey de Bintam (Barros, Dec. 3, 5, 4) — A toda conta e manciira queria elle *ser entregue de tudo* (Itin. 151) — Em me darem terlado de todo este processo, e hũa fee de como o consul *fycaua entregue de tudo* (ib. 260) — E por esta razão ficou o coja beirão por testamenteiro e absoluto senhor de tudo, e logo tomou e *se entregou* de toda a fazenda e dinheiro (ib. 141) — E logo lhescreveo a tripoly... e que... *fosse laa entregarse daquella fazenda* (ib. 260).

Nado e nascido: Do participio primitivo ficou em portuguez até hoje o vocabulo *nada* (=nenhuma cousa), proveniente do lat. *rem natam*. Com função participial conservou-se *nado* apenas na locução *sol nado*. Em linguagem medieval ocorre com frequencia o participio de filiação latina sem comtudo desprezar-se a formação popular *nascido*, e esta ultima vem a prevalecer do periodo quinhentista em diante.

Tolheito, tolhido: Da forma antiga são exemplos:

(Canc. Din. 94) vol-o tem louqu'e *tolheito*, e (Duarte, Ensin. 19): como se acertar em outra sella sera meo *tolheito*.

Coseito, cosido: O antigo participio foi ainda usado por João de Barros:

Zambucos *coseitos* com cairo (Dec. 7, 8, 4) — Meteo a nao ao fundo com os Mouros que a navegavam, todos *coseitos* em huma veela por não haver memoria delles (ib. 2, 14) — E Diego Pires com a galé grande e Payo de Sousa com a pequena fossem demandar as dos imigos *coseitas* em terra (ib. 2, 2, 7) — Hiam diante *coseitos* com a terra por descubridores (ib. 2, 1, 4).

Colheito, colhido e compostos: Registra-se o participio *colheito* em Sá de Mir. 500: *antes que este fruto fosse colheito*. Vingou o participio regular, continuando

comtudo a usar-se sempre até hoje o termo *colheita* como substantivo. Para os demais verbos formados de *colher*, oscillava-se no seculo XVI entre as duas formas participiaes, o que prova que já então estava condemnada a desaparecer a forma mais antiga:

Como... esteve *recolheito* em as naos... *Recolhido* Affonso d'Albuquerque ás naos (Barros, Dec. 2, 6, 5) — Convinha ser *recolhido* (ib. 1, 8, 10) — O qual achou já desafrontado dos mouros por serem *acolheitos* ao palmar (ib. 1, 8, 8) — Souberam ser elle *acolhido* pera o palmar (ib.) — Está *recolheita* na maior fortaleza (Barros, Clar. 1, 9) — Era *escolheito* antre todollos os outros (ib. 1, 327).

Salvo, salvado: O verbo *salvar* tem varias accepções. Significando «saudar», seu participio é *salvado*: Tem o mesmo participio se é tomado no sentido de «saltar». Significando porem «livrar de perigo», e conjugado com o verbo *ter*, diz-se ora *salvo* ora *salvado*. Desta forma regular são exemplos:

De lhe haveres *salvado* o redil (Fil. El. 13, 356) — O ter-me *salvado* de pretensões (ib. 20, 105) — Elle Nunalvares tinha em cem combates *salvado* a patria do dominio estranho (Herc., Lend. e Narr. 1, 278) — Dez como elle haveriam *salvado* o imperio de Theodemiuro (Herc., Eur. 185) — Por terem... a elle... *salvado* infante (Castilho, Georg. 243).

Diz-se tambem *os salvados do incendio*, falando de objectos. Em outros casos é mais geral o uso do participio *salvo*.

Salvo (e não *salvado*) tambem se usa, desde o port. ant., com o valor de preposição, significando o mesmo que «excepto»:

Salvo clerigos e homens (F. Lopes, D. J. 4, 310) — *Salvo* a tomada (ib. 4, 325) — *Salvo* aquella que fogira (ib. 4, 402) — Nom sayo ha peleja com mays armas, nem mays homens, *salvo* estes cynquo (Doc. T. T. 93) — Nam possa aver outras rendas nem direitos, *salvo os dizimos* (ib. 59) — Não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, *salvo as mãos* (Arr. 31) — Acordarão... que os medicos não entendessem em curar *salvo os doentes* das breves e remediaveis [enfermidades] (ib. 65) — Lazaro, que ha de dar, *salvo* as suas *chagas*, a lamber aos cães? (Bern. N. Flor. 2, 168) — Foram todos pelo rio arriba, *salvo as galés* (D. de Góes, D. M. 203) — Já ninguem ahí estava, *salvo* os dous cavalleiros (Herc., Lend. e Narr. 1, 70).

Infinitivo

Alem dos verbos com o infinitivo em *-ar*, *-er* e *-ir*, possui o port. mod. o verbo *pô-r*, o qual, tendo por terminação sómente a consoante *r*, parece, á primeira vista, constituir uma conjugação áparte. Procede contudo este vocabulo do port. ant. *po-er* > *põ-er* (lat. *po-nerē*). É portanto um verbo contracto da 2.^a conjugação e explicavel pela deslocação do accento tonico para o radical. Deu-se este phenomeno, ao que parece, por fins do seculo XV. Provas evidentes do accento tonico na terminação se encontram na antiga poesia dos Cancioneiros, já pela contagem das syllabas, já pela rima de *poer* com outros vocabulos em *-er*.

No infinitivo *vir* é costume considerar *-ir* como terminação, ficando *v-* para radical. Fazendo-se a analyse á luz da historia, chega-se a outra conclusão. Trata-se aqui de um verbo contracto. O lat. *venire* deu em port. **vẽ-ir* > *vĩ-ir*. Deslocando-se depois o accento para o radical, ficou *vĩ-ir* e finalmente *vi-r*. O emprego deste infinitivo com vogal nasalizada era corrente em port. ant. como se vê a cada passo nos documentos daquella epoca (graphado *vinr* e *vijnr*). Dos quinhentistas para cá usa-se *vir* com a vogal pura.

Outros infinitivos contractos são *rir* de *riir*, *ter* de *teer* < *tẽ-er*, assim como *ver*, *ler*, *crer*, *ser* que procedem respectivamente de *veer*, *leer*, *creer*, *seer*.

Dos verbos de origem latina pertencentes á 2.^a e á 3.^a conjugação naquella lingua, só uma parte se ficou usando com a terminação *-er*, passando-se os restantes para a conjugação do typo *-ir*. Estão no segundo caso *prohibir*, *cumprir*, *fugir*, *pedir*, *fallir*, *consumir* (e compostos), *repellir* (e demais compostos do lat. *pellere*), *aspergir*, *persuadir*, *evadir*, *invadir*, *trahir*, *espargir*, *applaudir*, *submergir*, *discernir*, *dividir*, *residir*, *affligir*, *dirigir*, *exigir*, *opprimir*, *supprimir*, *comprimir*, *exprimir*, *extinguir*, *assistir*, *resistir*, *desistir*, *existir*, *consistir*, *abolir*, *attribuir*, *distribuir*, *arguir*, *annuir*, *delinquir*, *restituir*, *instituir*, *instruir*, *estruir*, *construir*, *incumbir*, *succumbir*, *ungir* e outros.

Muitos destes verbos não occorrem em port. ant.

senão como verbos da conjugação *-ir*, não se podendo apurar a época da transformação; outros, por sua vez, usaram-se, sem a menor duvida ainda por bastante tempo na linguagem literaria com os caracteristicos da 2.^a conjugação como se vê pelas seguintes formas:

Cingeo-a (S. Graal 13) — *Confondeo* (ib. 90) — *Confonderom* (ib. 92) — *Fingeo* (F. Lopes, D. J. 15, 45, 155) — *Enfinger, enfingede* (Din. Can. 71) — *Rreduzer* (F. Lopes, D. J. 297) — *Produzellas* (ib. 272).

Com alguns verbos vacillava-se sobre a conjugação. Assim:

Requerir-vos (F. Lopes, D. J. 151) — *Requerer* (ib. 85) — *Requerer* (ib. 28) — *Requerir* (ib. 28) — *Requerisse* (ib. 148 e 250) — *Requerirom* (ib. 370) — *Requerio* (ib. 114) — *Requeresse* (ib. 17) — *Requeressem* (ib. 53) — *Requerissem* (D. D. Duarte, Leal Cons. 65).

E semelhantemente *querer*, de que usamos *requerer*, ao passo que se diz *inquirir*, *adquirir*; *verter*, *converter*, *perverter* e *advertir*, *divertir*; *eleger*, *colher* e *colligir*.

As formas *rreçebiste* (F. Lopes, 367), *offereçiste* (ib. 231), *perdiste* (Nunes, Chrest. Arch. 143), *prendiste* (S. Graal, 37 e Nunes, Chrest. Arch. 145), *mitiste* (S. Josaph., 27), *moviste* (Nunes, l. c. 148) indicam tambem tendencia para transportar os respectivos verbos para a 3.^a conjugação, posto que se conservasse o infinitivo em *-er*.

É de notar o lat. *mittere* que deu *metter*, com os compostos *prometter*, *arremetter*, *acometter*, *remetter*, *submetter*, *entremetter*, e por outra parte os compostos *admittir*, *permitter*, *demittir*, *omittir*, *transmittir*.

Verbos defectivos

Verbos que se desviam da conjugação normal por lhes faltarem formas pessoaes, temporaes ou modaes, chamam-se *defectivos*. Taes são: *precauer*, *aguerrir*, *empeder-nir*, *fallir*, *florir*, *fornir*, *adir*, *buir*, *condir*, *poir*, *embair*, *cernir*, *renhir*, desusados nas formas em que o accento tonico deveria cahir no radical (as tres pess. do sing. e a 3.^a do plur. do pres. do ind., assim como a 2.^a do sing. do imperativo) e em todo o pres. do conjuntivo (o qual se re-

gula pela 1.^a do sing. do pres. do indicativo), mas empregado em todas as formas que têm o accento na terminação: *precavemos, precaveis, precavia; embaimos, embais, embaindo; delinquimos* etc.

Dos verbos *demolir* e *abolir* não se usa a 1.^a do sing. do pres. do indicativo, nem o pres. do conjuntivo.

Preenchem-se os claros dos citados verbos defectivos por meio de circumloquios ou outros verbos de significação equivalente.

A esquivança em completal-os com os proprios recursos de *precaver, fallir, condir*, etc., deve-se ora ao receio de proferir expressões desagradaveis, por obscuras ou lembrarem outros verbos, ora á duvida relativa á applicação da alternancia vocalica. Esta ultima causa faz-se sentir nos verbos defectivos em *-ir*, cuja lista, outrora bastante longa, o tempo se tem incumbido de ir reduzindo. *Digerir* por exemplo faz hoje *digiro, digira*; F. Heitor Pinto não se conformaria com tal decisão e diria antes: *não ha ferro, por duro que seja, que não digistam* (1, 266) — *(a galinha) crua não ha quem a digista* (1, 107). B. J. de Oliveira (1879) incluia entre os defectivos: *compellir, discernir, expellir, submergir*. Mas hoje é usualissimo *discerne, expelle, submerge* e parece não haver repugnancia pelas formas *discirno, expillo, submirjo*.

Verbos que designam gritos de animaes são por alguns considerados defectivos, isto é, falhos da 1.^a pessoa, por inapplicaveis ao homem que fala. Contesta-se esse argumento pela linguagem das fabulas, em que imaginamos os animaes falantes, e, referindo-se a si proprios, usarão o verbo na 1.^a pessoa. Alem disso, em linguagem metaphorica pode-se attribuir ao homem o que é proprio das chamadas creaturas irracionaes.

Verbo defectivo que em forma finita não tem senão 3.^a pessoa chama-se verbo *impessoal* ou tambem *uni-pessoal*, como *chover, nevar, acontecer, constar* etc.

Conjugação mixta ou symbiotica

Alguns verbos, de si defectivos, preenchem os claros de sua conjugação com o auxilio de restos de antigos verbos existentes na lingua sem forma infinitiva

e exprimindo o mesmo conceito que o verbo principal. Esta associação íntima de verbos fragmentarios, oriundos de raízes diversas e incapazes de vida própria e independente, constitue a conjugação mixta ou symbiotica.

Como exemplos typicos de symbiose temos a conjugação de *ser* e a de *ir*.

O lat. *esse*, constituido pelas raízes *es* e *bhu* (*fui*, *fuisti* etc.), e portanto já symbiotico antes de constituidos os idiomas romanicos, forma em port. o pres. do conj. tomando ao verbo *seer* (lat. *sedere*) as formas *seja*, *sejas*, *seja*, etc.

Do não menos interessante verbo *ir*, desaparece a deficiência, graças á associação de alguns restos que ficaram ao portuguez do lat. *vadere* e ás formas de preterito *fui*, *foste* etc. e respectivos derivados, tomadas de empréstimo ao verbo *ser*.

➤ Verbos nocionaes e relacionaes

Ao verbo accrescenta-se muitas vezes um adjectivo ou substantivo que indica o estado ou condição do sujeito durante a acção verbal, como nestes exemplos:

Partiu doente e voltou são — Partiu criança e regressou homem — Vive feliz — Alçado lhe disse eu (Cam., Lus. 5, 49) — *Cahiu morto — Chegam cansados — Nasceram mudos — Chegou rico á patria* (Vieira, Serm. 8, 249) — *As flores anoitecem murchas e quasi seccas, mas com o orvalho da noite amanhecem frescas, vigorosas e resuscitadas* (ib. 1, 882).

➤ O adjectivo ou substantivo nestas condições é o annexo predicativo referido ao sujeito *).

Em construcções deste genero singularisam-se alguns verbos, como *ficar*, *parecer*, *tornar-se*, *ser*, *estar*, ou, ainda, *andar*, *vir* e *ir* usados em lugar de *estar*, por não se attribuir a taes verbos a significação concreta

*) Nada mais claro nem mais conciso do que esses dizeres em que dous vocabulos valem, associados, por duas proposições distintas. *Partiu doente* resulta dos pensamentos *partiu* e *estava doente quando partiu*. D'aqui o uso, em latim e outros idiomas, do caso nominativo para o annexo em taes frases. A' analyse do grammatico ou linguista não compete, claro é, volver a essa operação psychologica nem decompôr em muitas palavras o que a linguagem se limita a expressar em dous vocabulos.

que a principio tiveram ou ainda tem em outras construcções. *Ficar triste* não designa a permanencia, e sim a transformação do estado de alegria no de tristeza. O sentido existencial de *ser*, cujos vestigios ainda se conservam em frases como *era uma vez um rei* (cf. o latim *adhuc sumus* e *omnium qui sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt* Cic.) e em outros dizeres, obliterou-se completamente, e de longa data, nas combinações com adjectivo ou substantivo. Mais evidente é o esquecimento da noção concreta do verbo *estar*, o qual necessita de arrinar-se á locução *em pé* para que se lhe perceba a accepção propria do latim *stare*, e é usado, alem disso, em *estar sentado*, *estar deitado* sem que se repare na cacchrese de semelhantes construcções.

Compete ao verbo expressar o predicado, termo essencial a toda a proposição; e se esta prerogativa desaparece ou se diminue em *ficar*, *parecer*, *tornar-se*, *ser*, *estar*, etc. acompanhados de outro termo predicativo, compensa-se a perda, por assumir est'outro vocabulo, a principio usado como annexo, funções proprias do verbo. Em *F. está ou ficou doente*, *F. parece medico*, etc. é o segundo termo (*doente*, *medico*), e não o verbo, que nos dá a informação precipua acerca do sujeito. E se este segundo termo aqui já não figura como simples annexo ou elemento accessorio da oração, mas antes como o verdadeiro predicado, o verbo, por sua vez, degradado a servir de expressão subsidiaria, é um vocabulo de significação extinta (*ser*, *estar*), ou de significação incompleta (*parecer*, *ficar*), ou de sentido latente (*andar*, *ir*, *vir*).

Ser e *estar* continuam a ser usados junto a adjectivo ou substantivo não sómente pela tradição da linguagem, mas ainda em razão de seus elementos flexionaes. Um adjectivo, posto como predicado immediatamente depois do sujeito, nenhum esclarecimento daria acerca das relações de tempo e modo. Por superfluo o omittem o latim e outros idiomas em proposições como *vita brevis*, *ars longa*, que exprimem verdades geraes ou factos que se presumem verdadeiros em todos os tempos e em todas as circumstancias. Em portuguez, a tradição da linguagem não permite essa pratica.

catarse: *pinos de compasso*, *braco de rio*, *embarcar em*
carrazem, *martelar com o dedo*.

a) *Figura que consiste no emprego de um palavrão em sentido transitivo para designar acção e consequentemente objecto que não tem de ser pronominal; gírias de comparsa, folha de livro, olho branco, & c. Utiliza-se em...*

O annexo predicativo pode vir referido ao objecto ou complemento do verbo:

Deixei-o *menino* encontrei-o *homem* — Conheci-o *soldado* — As frutas comeu-as elle *verdes* — Deu [a setada] a hũa das cafras e derribou-a *morta* (Castanh., 2, 6) — [Insulas] *que* possuiu *soberanas* (Cam., Lus. 9, 21) — Conserva-os [i. e. os homens] *vivos*... e tel-os *ociosos* (Vieira, Cartas 2, 383) — Creou-as Deus *fracas* (Mello, Guia 118) — Abriu-se a terra e engoliu-os o inferno *vivos* (Vieira, Serm. 1, 1049).

>Com alguns verbos o annexo predicativo referido ao objecto representa, não o estado simultaneo, mas a consequencia ou resultado do acto expresso pelo verbo:

Nomeou-o *director* — Elegeram-no *deputado* — Acclamaram-no *presidente* — Fizeram-no *socio* — Fornaram-no *invejoso*.

Os verbos *fazer* e *tornar* perdem aqui o primitivo sentido material para simplesmente denotar o produzir a mudança de condição ou estado. *Nomear*, *eleger*, *acclamar* conservam a significação concreta.

>De um modo geral chamaremos verbos de função nominal ou, simplesmente, verbos *nocionaes* áquelles que não soffrem a influencia do annexo predicativo, e vem usados com o mesmo sentido e o mesmo officio de predicado como se tal annexo não existisse. Verbos de função relational, ou verbos *relacionaes* são, pelo contrario, aquelles cuja accepção propria se apaga ou modifica por virem combinados com outro termo, originariamente annexo, ao qual transferem, ou com o qual dividem, o officio de predicado da oração.

Como annexo predicativo pode usar-se o participio do preterito em vez do adjectivo propriamente dito, com a differença que o participio, estando ainda viva a consciencia da sua origem verbal, exprimirá não uma qualidade, mas o estado resultante de um acto anterior. Comparem-se estes exemplos:

Tinha os olhos grandes e os labios grossos — Tinha os olhos *vendados* e a boca *ferida* — Conservou-os *vivos* — Trouxe-os *presos*.

O participio passa a servir de predicado e o verbo a que vem junto torna-se relational em proposições como as seguintes:

A cadeira *está quebrada* — O seu nome *vem mencionado* na lista — As rosas *andam espalhadas* pelo jardim — Doações que *andam registradas* na Torre do Tombo (D. de Goes, D. Man. 1, 6) — O animal *parece ferido* — O leite *ficou estragado* — O escriptor *tornou-se conhecido*.

Nas construcções com *fazer, tornar, ter e haver* usou-se o participio passado a principio como annexo predicativo referido ao objecto. D'aqui a concordancia do participio com este objecto, conservada até principio do seculo XVII, em frases onde *ter* funcionava já como verbo relational.

Nos seguintes passos não ha duvida que o participio continua a exercer função de annexo predicativo referido ao objecto, e o verbo *ter* conserva ainda a accepção concreta do latim *tenere*:

As *aguias* nas bandeiras *tem pintadas* (Cam., Lus. 8, 5) — *Someliã* Bizancio *tem* a seu serviço *indino* (ib. 3, 12) — *Tinha* nelle *postos os olhos* (Bern., L. e C. 2, 235) — Por muitos dias *tive perdido o juizã* e mui *arriscada a vida* (Vieira, Cartas 2, 255) — Não acabam de *sahir* as resoluções que *têm suspensa a especção* do mundo (ib. 2, 110).

Não menos evidente é a função primitiva do participio na frase *ter preso a alguém*, significando «conservar a alguém preso», como ainda a usaram, e com frequencia, os antigos escriptores, v. g. em:

Diego Lopez foi tragido a ElRei de Castella, e *tinha-o preso* no arreal, avendo dell mui grande queixume (F. Lopes, D. J. 200) — Elle *tinha oitenta homens* do arraial *presos* (ib. 2, 26).

Interpretação analoga tem est'outro passo:

ElRey per dezoito ou vinte dias continuos *teve os nossos cercados* (Barros, Dec. 3, 3, 2).

Desta concepção primitiva de dous actos differentes, expressados um pelo verbo *ter* e o outro pelo annexo predicativo participial, originou-se uma forma verbal composta pelo esquecimento ou apagamento da noção concreta de *ter* ao mesmo tempo que vinha avultando o adjunto como conceito precipuo. Passou-se assim da juxtaposição de formas verbaes simples, independentes e de igual valia, á subordinação de um elemento ao ou-

tro, considerando-se como verbo principal o particípio e *ter* como simples auxiliar. Esta combinação naturalmente só era possível quando um e outro acto procediam do mesmo autor, isto é, quando o agente da acção expressa pelo particípio não differia do sujeito do verbo, *ter*.

O mesmo papel de auxiliar cabe também ao verbo *ser* nos exemplos seguintes e outros da mesma especie, devendo-se comtudo entender que o particípio passado nestas combinações resulta de um annexo referido, não ao objecto, mas ao sujeito da oração:

Lopo Soares *era chegado* (Barros, Dec. 1, 10, 2) — *Era fallecido* El Rey Bolife (ib. 3, 6, 7) — *Era ido* o capitão (ib. 3, 1, 5) — Quasi dous annos que *eram corridos* depois de aberto o Concilio (Sousa, Arc. 1, 349) — Melhor lhe fora a tal homem nunca *ser nascido* (Vieira, Serm. 3, 238) — *Sou vindo* a Portugal com pretensão de hũa commenda (Arr. Dial. 257).

Da junção de *ser* com o particípio de verbo intransitivo resultam, como vemos, dizeres de sentido similar a *ter chegado, ter fallecido, ter corrido, ter nascido, ter vindo* etc., cujo uso prevalece no falar hodierno. Unindo-se porem *ser* ao particípio de verbo transitivo, dará a voz passiva deste segundo verbo.

Do contacto ou contiguidade de certos verbos com outras formas infinitas que não o particípio do preterito podem originar-se também combinações semanticas, em que a forma infinita representa a acção principal e o outro verbo lhe serve de auxiliar, como nestes exemplos:

Está correndo — *Está escrevendo* — *Vou ler* este livro — *Vou pensar* — *Andar lendo* — O gosto de escrever que *vou perdendo* (Cam.) — Por seguirem o alcance aos que *andavam nadando* (D. de Goes, D. Man. 2, 33) — Abrirão de par em par as portas á malicia sameando enganos e hypocresias de que *andão* mays *inçadas* as escolas que de manteos de festa (R. Lobo, C. na Ald. 160) — Não só se *vão diminuindo* os alimentos (Vieira) — A tempestade *foi crescendo* — Destruem tudo quanto *imos dizendo* (ib.) — O reino dos ceus... *vem chegando* (ib.) — *Tornou a falar*, etc.

Se, em qualquer destas frases, estivessem os verbos ainda no primitivo estado de independencia, o gerundio, como adverbio, expressaria um acto secundario, posto que simultaneo ao do primeiro verbo; e o infinitivo denotaria um acto ulterior e accessorio ao do verbo

ir. Nas citadas frases vemos, pelo contrario, invertidos os papeis por effeito da combinação semantica. Gerundio e infinitivo de facto representam aqui os verbos principaes; *está* faz de auxiliar, dando o character de actualidade ás acções de correr, escrever, etc.; em *vou, imos, vem* apaga-se o conceito da locomoção, servindo taes vocabulos de elemento subsidiario, junto a gerundio, para pôr em evidencia a actualidade e continuidade do acto expresso pelo dito gerundio, e, junto a infinitivo, para denotar, a respeito dest'outro verbo, a intenção, vontade ou futuridade. Do mesmo modo, quem diz *torno a falar* não tem em mente a idéa de «retroceder» a um ponto, a um fim, mas a de «repetir» o acto de falar.

Posto que estes exemplos, e muitos outros do mesmo genero, não deixem a minima duvida sobre a função auxiliar de *ir, andar, vir* e *tornar*, é preciso comtudo advertir que estes mesmos verbos trazem muitas vezes a par de si outro verbo sob a forma infinita sem todavia operar-se a fusão semantica. Nesta hypothese, os dous verbos juxtapostos enunciarão cada qual um acto concreto. Será o caso de dous verbos simples pertencentes a orações differentes.

Sendo assim, devem naturalmente occorrer tambem casos intermediarios, em que será difficil decidir se se dá fusão perfeita ou se ha mera juxtaposição de verbos concretos.

Conjugação composta

Da combinação de um verbo relational (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerundio ou participio do preterito de um verbo nocional (v. principal), resulta a conjugação composta. *Anda, andou, andara* são formas do verbo *andar* na conjugação simples; *tem andado, terá andado, tivesse andado* pertencem ao mesmo verbo, porem na conjugação composta *ter andado*; *está andando, estava andando, esteja andando* fazem parte do mesmo verbo na conjugação composta *estar andando*.

Segundo praxe antiga dos grammaticos, consideram-se «tempos compostos» e conjugação perifrastica como cou-

sas distintas. Não o faremos aqui, depois de explicar, como nas paginas precedentes explicámos, que *ter andado* e *estar andando* nasceram de processos analogos. A primeira destas duas formas é linguagem antiga e comum a outros idiomas, e deve á circumstancia de ser desconhecida dos primeiros grammaticos a verdadeira historia das formas analyticas o ter sido encaixada como um «tempo composto» especial no systema de conjugação do verbo simples. Nasceu d'ahi a terminologia confusa (perfeito composto, *passé indéfini* etc.) e a dificuldade enorme de perceber o sentido exacto, nas diversas linguas, de *tenho visto*, *j'ai vu*, *I have seen*, *ich habe gesehen* etc.

Ver e *ter visto* (ou *haver visto*) são dous aspectos do mesmo verbo *ver*. No primeiro caso exprime-se a acção vagamente; no segundo define-se a acção como perfeitamente consummada. Em outro lugar (Difficuldades da Lingua Portugueza, 2 pag. 205) propuz as denominações de *aspecto imperfectivo* e *perfectivo* respectivamente para as duas especies de acção. Parallelamente ao aspecto imperfectivo *vejo*, *via*, *viu*, *verei* etc. conjuga-se no aspecto perfectivo *tenho visto*, *tinha visto*, *tive visto* (port. ant.), *tereí visto*, etc.

Desta conjugação composta emprega-se o tempo presente em portuguez para denotar acto de realisação perfeita, porem durativo ou iterativo, abrangendo o momento em que se fala e podendo excedel-o, e raras vezes para exprimir com emphase um acto que durou sómente até este mesmo momento; nos demais tempos, não tem o aspecto perfectivo outro fim senão assignalar o acto perfeitamente executado no passado ou no futuro.

No preterito perfeito, o verbo desta conjugação composta significava a mesma cousa que na conjugação simples. *Teve visto* e *viu* eram cousas identicas. O uso banii por superflua a forma mais longa. Esquecida hoje, attestam o seu emprego, entre outros, os seguintes passos:

Depois que el Rei *teve determinado* de pelear... mandou duas gallees (F. Lopes, D. J. 26) — E como *teve feito* nella o que quiz foi cercar D. João no forte em que esteve (Couto, Dec. 4, 10, 6).